

99/1

Isis Flora Santos

Educação Infantil:
Espaço de Aprendizagens

Rio de Janeiro

1999



Isis Flora santos

Educação Infantil:
Espaço de Aprendizagens

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA: MONOGRAFIA

Reitor da Universidade do Rio de Janeiro: ... Hans Jurguen F. Fohmann

Decana do Centro de Ciências Humanas:Maria Teresa Fontoura

Diretora da Escola de Educação:Janete de Oliveira Elias

Chefe de departamento:Adilson Florentino

Professora:Mônica Mandarinó

EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇO DE APRENDIZAGENS

ISIS FLORA SANTOS

Trabalho monográfico apresentado
à Escola de Educação da Uni-Rio,
como requisito parcial para a
conclusão do curso de Pedagogia.

Professor Orientador: CARMEN SANCHES SAMPAIO

Rio de Janeiro

1999

SANTOS, Isis Flora. Educação Infantil: Espaço de Aprendizagens. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Escola de Educação, 1999, 36p.

S237e Santos, Isis Flora.

Educação Infantil: Espaço de Aprendizagens / Isis Flora Santos. -

Rio de Janeiro, 1999

36 f.

A monografia apresentada à Escola de Educação
como requisito parcial para a conclusão do curso
de pedagogia.

1.Educação Infantil - Prática na pré-escola. I Escola de Educação.

II Educação Infantil: Espaço de Aprendizagens

CDD 372.241

CDU 373.24

**Dedico esta obra aos meus pais cujo
apoio foi imprescindível para
elaboração e conclusão deste trabalho.**



Agradecimentos

Obrigada é uma palavra insuficiente para expressar minha gratidão a todos aqueles que me ajudaram a tornar realidade este trabalho: Carmen Sanches e toda à equipe do Espaço de Educação Infantil Os Batutinhas.

**" Infância verdadeira é aquela que é
gostosa que nem torta de chocolate.
Quem viveu sabe. E quem não viveu...
que pena!"**

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este trabalho discute a educação infantil enquanto um espaço de aprendizagens, passando por um breve resumo histórico das diferentes concepções de pré-escola que estiveram presentes e ainda estão no cotidiano das escolas infantis, procurando articular teoria e prática através da experiência de uma professora de Educação Infantil.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
2. Breve histórico da Educação Infantil.....	10
3. A prática cotidiana de uma escola em Educação Infantil....	15
3.1 A escola e o projeto pedagógico.....	15
3.2 Análises e reflexões a partir da minha prática.....	18
4. Considerações Finais.....	24
Referência Bibliográfica.....	25
Anexos.....	27

O professor Hanson foi afastado
motivo de saúde, segundo
período de 30 dias a contar
que o DRH já recebeu doc
mas este Departamento não
oficialize este fato.

- A professora Martha Alkim
RIO pois seu contrato com
30/03/99.

Atenci

Mônica

Mônica Cerbelli

1. INTRODUÇÃO

**"No meio do meu caminho sempre haverá
uma pedra, plantarei a minha casa numa
cidade de pedras."**

Milton Nascimento

Durante vários séculos a educação infantil vem tentando encontrar seu verdadeiro papel. Por muitos anos acreditou-se que a pré-escola só tinha a finalidade de cuidar e dar assistência médico-hospitalar as crianças por ela atendidas.

Através de várias pesquisas e estudos de diversos educadores da área essa visão tem mudado nos últimos anos. Hoje procura-se desmistificar a idéia da pré-escola como um espaço de preparação para a classe de alfabetização. A pré-escola passa a ser vista como um local de aprendizagens e de troca de conhecimentos.

Dessa forma, defende-se a idéia de que a criança pequena é capaz, não necessitando ser preparada, para, só futuramente receber "grandes ensinamentos". Ela pode e nos mostra que aprende cotidianamente nas interações que estabelece com o mundo.

Esse trabalho procura traçar um breve histórico da trajetória da educação infantil, visando contribuir para a compreensão das raízes de algumas concepções, teoricamente ultrapassadas, que acompanham a educação das crianças pequenas até hoje.

Após essa breve retrospectiva aborda-se um caso em específico, o relato de uma professora de educação infantil que vive um grande conflito após sua

formação de curso normal e início de sua formação universitária aliada a prática em sala de aula.

Ao final, procura-se demonstrar que crianças de 1 à 2 anos de idade são capazes de ir além de objetivos pré-determinados pelos adultos, superando as expectativas. Na maioria das vezes, as crianças, movidas por sua curiosidade vão além do "esperado". A prática discutida, nesta monografia, nos revela isto.

2. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

**“Faltava abandonar a velha escola,
tomar o mundo feito coca-cola...”**

Lulu Santos

No século XVII os moralistas e educadores da época criaram um conceito de infância. Este possuía preocupações morais e questões psicológicas, sendo portanto necessário haver um conhecimento mais aprimorado e uma maior compreensão deste ser, então chamado criança.

Por volta do século XVIII ocorre uma mudança na visão de infância. A criança passa a ser vista como um ser não pensante, nulo e por isso necessitando de preparo adequado para desenvolver o caráter e a razão, algo considerado, na época, tão distante do mundo infantil e tão vigente no mundo adulto.

Mais tarde, as práticas educativas preocuparam-se em desenvolver nas crianças as responsabilidades inerentes ao homem adulto e para tal, concebeu-se uma preparação que ocorria por etapas. Esta concepção de educação vigorou até o final do século XVIII quando eclodiu a Revolução Francesa. As mudanças políticas, históricas, sociais e econômicas criadas por este movimento fomentaram condições propícias ao fortalecimento da classe burguesa que já inicia o século XIX solidamente estabelecida nos espaços deixados, pela nobreza, na estrutura social que vigorou até a Revolução Francesa.

Nesse novo quadro histórico da formação dos Estados Nacionais as práticas educativas passaram a se preocupar com a formação de um indivíduo consciente de seus direitos e deveres políticos.

Com a valorização da escola pelos burgueses esta passa a ter como principal papel o de preparar as pessoas para a vida e para o trabalho. Na verdade, havia “duas educações” uma voltada para os filhos dos burgueses e outra para os trabalhadores braçais.

“ As escolas assumiriam então o papel de ponte para o futuro, de etapa preparatória para a vida e o trabalho, preparando a criança para assumir funções adultas.

Essa preparação estava vinculada ao lugar que cada criança ocuparia na sociedade: para filhos de burgueses, que ocupariam cargos de técnicos, administradores, legisladores e intelectuais, destinava-se um ensino mais longo e aprofundado. Para os filhos dos trabalhadores braçais, que viriam a ser mão-de-obra da sociedade, destinava-se apenas uma educação básica.”

(PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA, 1990:34)

Nesse modelo a escola funcionava como reprodutora dos padrões sociais vigentes, garantindo à classe dominante a manutenção do “status quo”.

No entanto, paradoxalmente, na França pregava-se a neutralidade da escola. Ela deveria abster-se de qualquer orientação política ou religiosa. Esse caráter laico e neutro vigorava durante quase todo século XIX.

Ainda neste século a Revolução Industrial surge no cenário trazendo transformações nas relações trabalhistas. A necessidade de mão-de-obra nas indústrias levou as mulheres a começar a trabalhar fora.

Aparece, então, um problema: **Com quem as crianças iriam ficar, já que antes estavam sendo cuidadas por suas mães, em seus lares?**

Nesse contexto surge a pré-escola que tinha por objetivo principal ASSISTIR essas crianças, dando carinho, atenção e cuidando delas já que suas mães não o podiam mas fazer.

***"...creches que surgiam, com caráter assistencialista, visando a afastar as crianças pobres do trabalho servil que o sistema capitalista em expansão lhes impunha, além de servirem como guardiãs de crianças órfãs e filhas de trabalhadores. Nesse sentido, a pré-escola tinha como função precípua a guarda das crianças."
(ABRAMOVAY E KRAMER, 1987:29)***

Porém, a educação pré-escolar só é reconhecida tanto na Europa como nos EUA por volta de 1930 devido a grande depressão econômica vivida nessa época, onde a pré-escola passa a ser de suma importância pois iria garantir o emprego de vários profissionais, como por exemplo: professor, enfermeiros, serventes, etc. além de fornecer alimento e ambiente saudável para crianças carentes dos dois aos cinco anos de idade.

Com a explosão da segunda guerra mundial a necessidade da pré-escola com o papel de GUARDA é reforçada ainda mais devido a convocação dos homens para a guerra e das mulheres para o trabalho nas indústrias bélicas.

O professor começa a assumir o papel afetivo, ou seja, aquele que dá carinho, atenção, mas que não fornece nada além, não precisando portanto ser uma pessoa qualificada para ocupar esse lugar de guarda, bastando apenas ser meigo, carinhoso e gentil. Este fato se reflete até hoje onde o professor da creche continua ocupando o lugar de guarda em várias instituições. Por este motivo contratam pessoas sob o "título" de recreadoras recebendo uma remuneração baixa e trabalhando em péssimas condições. Essas muitas vezes não possuem nem o 2º grau quem dirá um curso de formação de professores. Com esse perfil cada vez solidifica-se mais o trabalho médico-higienista executado em várias pré-escolas.

Com essa visão de educação tão proclamada e defendida, estigmatizou-se a idéia de que as crianças órfãs e pobres deveriam freqüentar um "curso" de

preparação para a escola, para suprir suas deficiências e dificuldades, além de incorporar a cultura dominante, já que acreditava-se que seus responsáveis não tinham tempo nem "conhecimentos" para passar esses ensinamentos. Além da função preparatória, a pré-escola que continua tendo também a função de assistir e cuidar bem das crianças.

"Pouco a pouco, foi sendo explicitado que estes programas de educação compensatória partem da idéia de que a família não consegue dar às crianças condições para o seu bom desempenho na escola. As crianças são chamadas de "carentes" culturalmente, pois se parte do princípio que lhes faltam determinados requisitos básicos capazes de garantir seu sucesso escolar, e que não foram transmitidos por seu meio social imediato.

A pré-escola, dentro desta visão, serviria para prever estes problemas(carências culturais, nutricionais, afetivas), proporcionando a partir daí a igualdade de chances a todas as crianças, garantindo seu bom desempenho escolar."

(ABRAMOVAY E KRAMER, 1987:31)

No Brasil o atendimento educacional para crianças de zero a seis anos só é encarado como um direito a partir da Constituição Federal de 1988, pois antes era visto como um benefício concedido a famílias "desorganizadas" que não conseguiam cuidar de seus filhos. Esse fato ressaltava cada vez mais a condição de pré-escolas com função compensatória e guardiã.

Essa situação começa a ser modificada em 1988, tendo seu ponto ápice em 1996 quando o atendimento educacional para crianças nessa faixa etária, tendo função pedagógica, passa para a esfera da educação, e esta o coloca como o ponto de partida da escolaridade. Sendo encarado como a primeira etapa da educação básica.

"Quando dizemos que a pré-escola tem uma função pedagógica, estamos nos referindo, portanto, a um trabalho que toma a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida e os amplia, através de atividades que têm um significado concreto, para a vida das crianças e que, simultaneamente, asseguram a aquisição de novos conhecimentos. Aqui, como na "pré-escola com objetivos em si mesma", a confiança nas possibilidades das crianças se desenvolveram e a valorização das suas manifestações são indispensáveis."
(ABRAMOVAY E KRAMER, 1987:35)

Hoje, acredita-se que as crianças de zero a seis anos, são capazes de aprender não necessitando serem preparadas para receberem um conteúdo até então ausente do seu cotidiano.

Com essa mudança a educação infantil passa a ser vista como um espaço de aprendizagens, as crianças se apropriam de novos conhecimentos nas interações que estabelecem com a professora e entre as crianças, no cotidiano da escola.

Com essa visão a pré-escola passa a ter um papel muito importante, o de possibilitar para a criança "avançar em sua compreensão do mundo a partir de seu desenvolvimento já consolidado e tendo como meta etapas posteriores, ainda não alcançadas." (OLIVEIRA, 1995)

3. A PRÁTICA COTIDIANA DE UMA ESCOLA EM EDUCAÇÃO INFANTIL

"Em tudo o que ultrapassa a rotina repetitiva, existe uma ínfima parcela de novidade e de processo criador humano, estando as bases da criação assentada na capacidade de combinar o antigo e o novo."

Vygotsky

Nosso estudo pretende focalizar o trabalho desenvolvido em uma escola cuja clientela é composta por crianças de 01 a 04 anos de idade, situada em um dos bairros mais nobres do município do Rio de Janeiro.

Em um primeiro momento estaremos relatando todo o projeto pedagógico da escola e sua fundamentação piagetiana, além da sua divisão por segmentos e faixa etária. Logo em seguida falaremos sobre o trabalho que esta desenvolve e da sua grande proposta onde as crianças aprendem brincando e brincam aprendendo. Em um terceiro momento trataremos da experiência de uma professora e de sua prática em sala de aula com crianças de 01 à 02 anos de idade, procurando demonstrar que as crianças pequenas nas turmas de Educação Infantil são capazes de se apropriarem e construir novos conhecimentos.

3.1 A ESCOLA E O PROJETO PEDAGÓGICO

Por volta do século XIX e início do século XX surge um grande movimento educacional denominado escolanovismo. Esta revolução de idéias

contrapunha-se com a postura defendida arduamente pelas escolas tradicionais, que apregoavam a valorização incondicional ao conteúdo em detrimento do indivíduo enquanto pessoa. A teoria escolanovista considerava que o importante não era " aprender mas aprender a aprender" (SAVIANI, 1983). Os fundadores dessa nova forma de pensar a educação defendiam a implementação de uma pedagogia de projetos com a intenção de inovar o que até então existia na área criando uma nova postura profissional.

Hoje, algumas escolas, inclusive esta que estamos analisando, fazem seu planejamento através de projetos pedagógicos cujo objetivo é resignificar o que antes era entendido como projeto, dando-lhe um novo perfil onde vários fatores são relevantes. O ambiente imediato, o conhecimento do grupo e das crianças e as temáticas contemporâneas referentes a vida dos alunos são aspectos levados em consideração na elaboração de um projeto pedagógico.

Mas afinal em que consiste essa pedagogia de projetos?

Consiste numa organização do ato educativo onde este torna-se uma ação concreta. Parte-se assim da escolha de um tema, o qual durará um tempo determinado e a partir desse grande tema selecionado são criadas situações onde se possa articulá-lo com os objetivos previstos para aquela faixa etária ao longo do ano letivo.

Partindo dessa concepção de projeto veremos como essa realidade ocorre no cotidiano de uma escola em Educação Infantil.

" Crianças não nascem com conhecimento, como um cartesiano poderia ter sustentado; nem o conhecimento é simplesmente lançado sobre elas, como os filósofos empiristas britânicos haviam argumentado. Ao

invés, cada criança deve construir suas próprias formas de conhecimento arduamente ao longo do tempo, com cada tentativa ou hipótese, representando sua tentativa coerente de fazer sentido ao mundo."

(GARDNER, 1994:27)

A cada semestre o corpo docente e a coordenação pedagógica elege um tema gerador, sempre procurando algo ligado ao cotidiano das crianças, e a partir desse grande tema são escolhidos vários assuntos. Através deles o professor vai trabalhando as capacidades das crianças nas cinco áreas de desenvolvimento cognitivo (linguagem, lógico-matemática, psicomotricidade, sócio-afetiva e espaço-temporal)¹ em coerência com a faixa etária do grupo.

Essa divisão por faixa etária centra-se na visão piagetiana, onde a criança passa do período sensório-motor ao pré-operatório, adquirindo conhecimentos ao longo de faixas etárias determinadas.

Nesse primeiro período, que vai do nascimento até mais ou menos dois anos de idade, a criança está conhecendo o mundo e fazendo vários progressos, até perceber a noção de conservação (objeto permanente). Mesmo com tantos progressos ainda "falta algo" a ela que a fará passar do sensório-motor ao pré-operatório. Trata-se da capacidade de representação em forma de pensamento do que já faz de forma motora. O fato da escola trabalhar essa divisão (faixa etária e objetivos a serem alcançados) não a deixa totalmente presa a um molde, pois tem como objetivo principal promover situações que despertem nas crianças uma atitude

(1) Encontra-se em anexo as áreas de desenvolvimento cognitivo com as respectivas capacidades das crianças de acordo com a faixa etária das crianças.

avaliação e de planejamento para adequar os objetivos a cada grupo, respeitando suas particularidades e conhecimentos já adquiridos.

3.2 ANÁLISES E REFLEXÕES A PARTIR DA MINHA PRÁTICA

Em 1992 ingressei no curso de formação de professores, cuja duração era de dois anos. No decorrer desse tempo conheci todas as leis da educação, as melhores formas de apagar um quadro, de preparar um encontro, como utilizar diferentes materiais didáticos, como lidar em determinadas situações “problema”... Mas nem cheguei a ter contato com pensadores, como: Vygotsky, Paulo Freire, Sônia Kramer, Emília Ferreiro..., e outros, como Piaget e Anísio Teixeira, só conheci em frases soltas ou em pequenos textos que não davam com clareza a visão desses autores.

No último ano do curso dei início aos estágios obrigatórios que ocorriam na própria instituição. No primeiro semestre estagiei com uma turma de maternal (crianças com 1 a 2 anos de idade) e no segundo com uma turma de jardim III (crianças de 4 a 5 anos de idade).

Com o grupo de crianças do “maternal” aprendi a dar muitos beijinhos, colos, niná-los, dar o lanche, entretelos com alguma atividade ou brincadeira livre...enfim GUARDÁ-LAS. Pois nessa instituição acreditava-se que as crianças pequenas não estavam aptas a adquirir conhecimentos sendo portanto, necessário prepará-las para esse “grande momento” que se daria no futuro. O segundo semestre teve um ponto diferencial, quase não existiam “brincadeiras”. As crianças ficavam o tempo todo sentadas, fazendo trabalhinhos nos livros didáticos.

Aprendiam a cobrir pontinhos, a pintar dentro dos limites, a copiar as vogais e seus pedacinhos "ai", "ei", "oi"... e assim que todas acabavam essas atividades tinham uns 20 minutos de parque livre ou brincavam com massas de modelar.

Dessa forma, tive reforçada a crença que as crianças pequenas deviam ser preparadas e treinadas para aos 6 anos aprenderem a ler e escrever. Sendo praticamente impossível antes dessa idade aprenderem ou demonstrarem conhecimentos.

Essa era minha visão quando em 1995 prestei vestibular para a área de educação na Universidade do Rio de Janeiro e acreditava ser essa a única verdade. Mas, algo de diferente começou a acontecer e comecei a perceber um outro caminho, onde apontava-se que a creche não era apenas um local para entreter crianças, nem um passatempo, mas sim um espaço de aprendizado mútuo.

Essa mudança ocorreu ao longo do curso de educação, onde tendo contato com autores "esquecidos" no curso normal fui pouco a pouco modificando minha maneira de encarar a pré-escola, deixando de vê-la como um espaço preparatório para acreditar nesta como um local gerador de conhecimento, de troca e de aprendizagens.

Após 3 anos cursando a universidade comecei a trabalhar em uma escola de educação infantil. Enfim havia encontrado um local onde a professora de educação infantil possuía um outro papel que não apenas o de GUARDA mas o de INTERVENTORA das atividades propostas ao grupo. Ser responsável por uma turma de Infantil 1 (crianças de 1 à 2 anos de idade), surgiu como um grande desafio, pois lá no fundo ainda possuía certas dúvidas sobre a real capacidade dessas crianças aprenderem, e, por muitas vezes, me vi com resquícios do que aprendi no curso normal.

Nas primeiras semanas foi muito difícil propor atividades ao grupo pois na verdade não "esperava" muito deles. Para tal, o dia era dividido em seis momentos (história, chamada, atividade plástica, lanche, textura e psicomotricidade) e com essa divisão clara na minha cabeça eu só esperava que eles correspondessem aos objetivos estipulados. Porém, a prática do dia a dia foi me revelando que podia ser diferente. As crianças me surpreendiam em várias situações indo além das minhas expectativas.

Vou relatar alguns fatos que me causaram grande "espanto".

Durante uma brincadeira "livre" com blocos lógicos foi sugerido ao grupo de crianças com idade variando entre 1 ano e 2 meses e 1 ano e 10 meses que arrumassem as peças do "jogo" da maneira que quisessem. Algumas crianças empurraram as peças para todos os lados, outras tentaram colocar dentro da caixa e outras ainda nem davam atenção e continuavam a brincar. Camila (1 ano e 10 meses) pacientemente separava peça por peça, agrupando-as por cor, forma, espessura e tamanho. Achei que o que fazia era uma grande coincidência e que logo, logo ela iria misturar todas as peças, mas me espantei mais ainda pois quando algum amigo se propunha a "ajudá-la" e misturava tudo, ela esperava ele terminar e voltava a rearrumar as peças, novamente utilizando os quatro atributos. Depois de tanta surpresa não resisti e fui perguntar o que ela estava fazendo com as peças do jogo e meio impaciente ela me respondeu rapidamente: "- Tô arrumando, Tô arrumando, Tô arrumando!!!"

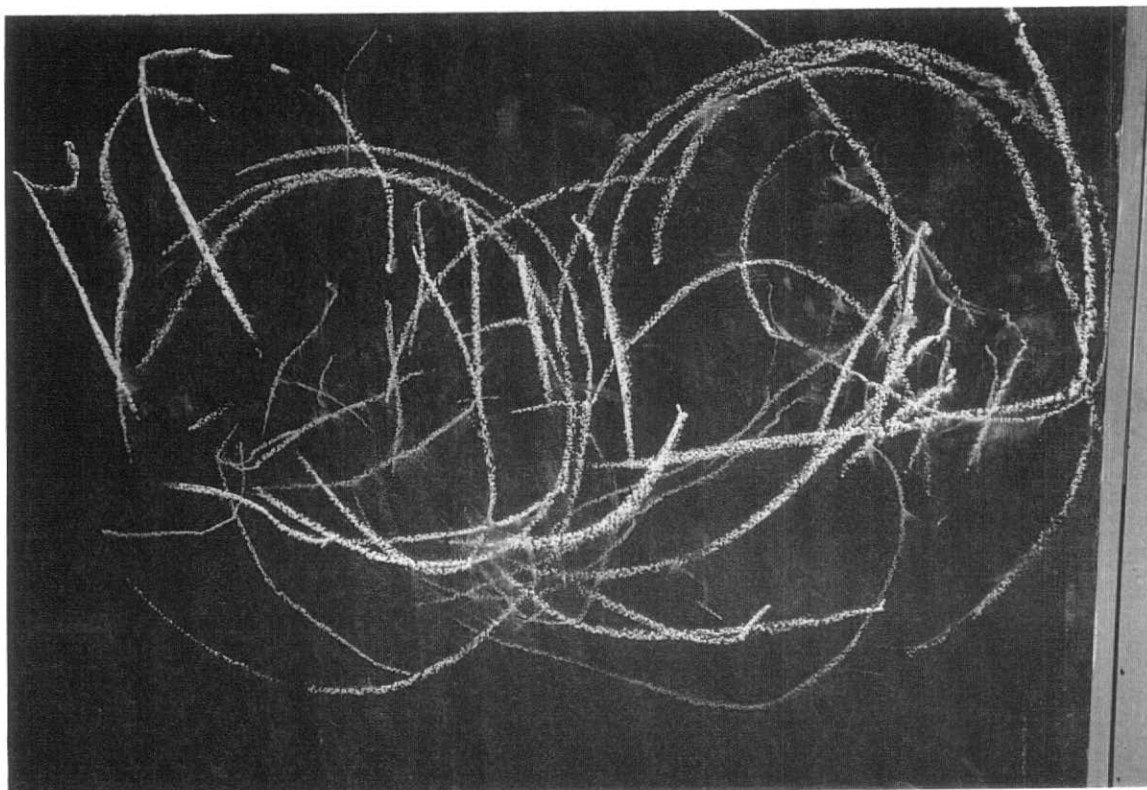
No fundo eu não esperava que nenhum dos meus alunos pudessem separar peças de acordo com algum atributo. Aprendi que eles precisam primeiro se

desenvolver para depois aprender. Embora já tivesse tomado conhecimento do que nos diz Vygostsky, que as crianças podem ir aprendendo à medida que se desenvolvem, no fundo o que aprendi no curso de formação de professores falava mais alto.

Minha prática me apontava para que repensasse meus aprendizados anteriores e me confirmava a teoria de Vygostky. O que a Camila fazia me levava a re-pensar a concepção de criança com a qual trabalhava. Passando a ficar mais atenta ao que faziam e procurando compreender como pensavam nos momentos de suas produções.

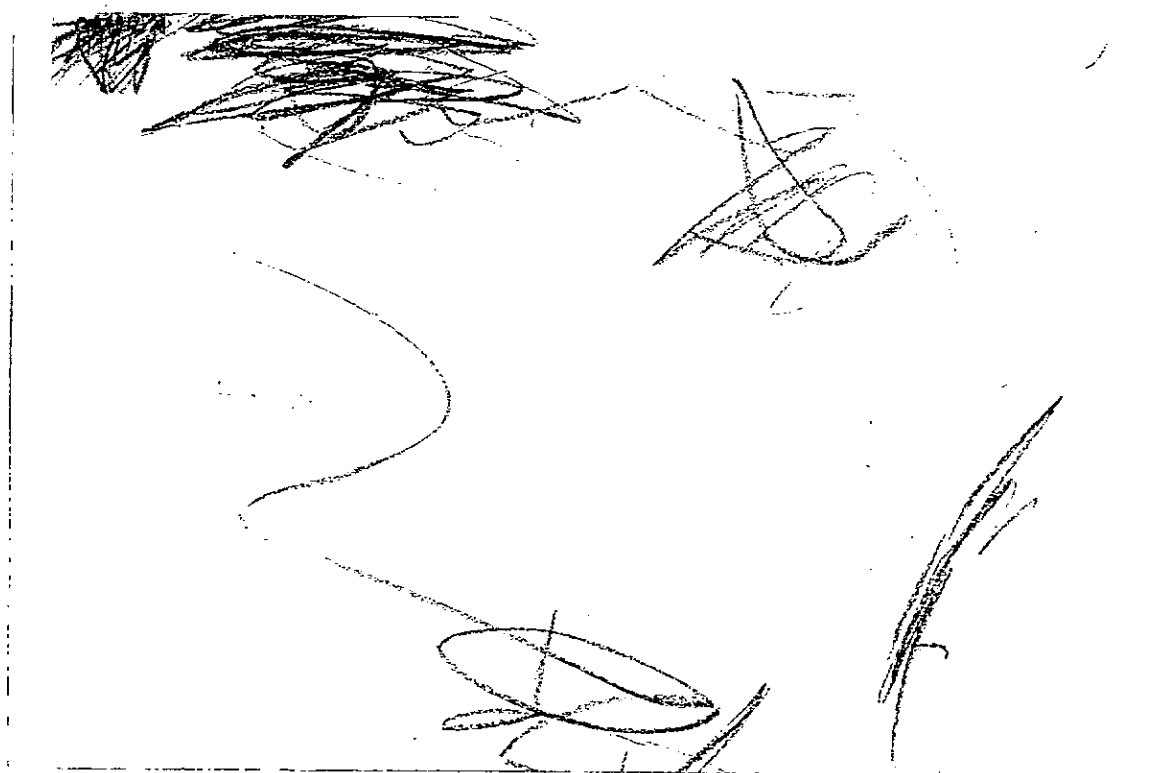
Em um dia de chuva estávamos no pátio coberto, resolvi então trabalhar a psicomotricidade fina, para tal entreguei a cada criança um gizão e deixei-os livres para desenharem nas paredes e no chão do pátio, pois estes já são próprios para registrar os desenhos infantis. De repente, a Camila resolve fazer um desenho, vai para parede gritando: “- É a Bia, é a Bia!!!” com o gizão vai fazendo vários círculos semi-abertos um sobre o outro e depois faz vários traços dentro dos semi-círculos e continua dizendo: “- Ó a Bia!”. Assim que termina digo: “- Que legal Camila, você desenhou a Bia!” e ela não satisfeita repete o mesmo traçado ao lado e diz: “- Ó a Lena!!!”

Mais uma vez Camila me surpreendeu, já que em nenhum momento esperei, ou mesmo achei possível, que uma criança tão pequena pudesse fazer movimentos considerados tão "difíceis", do ponto de vista do adulto, movimentos esses só esperados no final do infantil 2, com crianças com idade variando de 2 anos a 6 meses à 2 anos e 10 meses. De novo essa menina ia quebrando todas as “regras” que imaginei inquebráveis. Meu espanto foi tão grande que não resisti e antes que o desenho fosse apagado registrei-o.



Um outro fato que vem ocorrendo e que me deixou bastante intrigada e a constância com que a Camila vem repetindo um mesmo procedimento. Sempre que está desenhando ou pintando de forma individualizada registramos na parte superior da folha seu nome e imediatamente ela o rabisca totalmente. Resolvi então perguntar a coordenadora o porquê desse ato e ela me respondeu: “- Posso fazer duas suposições: a primeira é de que a Camila pode estar ficando irritada por ver uma outra pessoa “desenhando” no seu espaço e a segunda é que ela própria queira marcar o seu trabalho.”

Percebi que a melhor pessoa para me responder isso era a própria criança e me questionei o porquê de não ter ido logo perguntar a ela, pois o desenho era seu e a atitude também. Mais uma vez me peguei acreditando que ela não era capaz de me responder por seu próprio ato. Perguntei, então, a Camila o porque dela riscar o seu nome e ela me disse: “-Tô pagando, Tô pagando, Tô pagando!!!!” Logo entendi que ela queria apagar a minha escrita.



Hoje tento ficar mais atenta para o que fazem os meus alunos procurando vê-los como sujeitos capazes de produzir conhecimentos e de se apropriarem de novos saberes de acordo com as suas possibilidades, que são muito maiores do que eu sempre imaginei. Aprendi a encaixá-los em momentos específicos de acordo com a faixa etária, e eles vão me mostrando que pode ser diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, homens e mulheres descobriram que era possível ensinar."

Paulo Freire

Esse trabalho monográfico caracteriza-se como um primeiro momento de reflexão, onde pude registrar algumas inquietações que foram surgindo a todo momento. Podendo assim construir, reconstruir e desconstruir conceitos que me acompanham até hoje.

O questionamento e as mudanças na minha forma de pensar a educação infantil vem se dando em grande parte devido ao movimento de tentar compreender determinadas atitudes que as crianças vão demonstrando no cotidiano escolar. Ao refletir sobre elas acabo por reafirmar ou negar certas teorias de educação infantil e pouco a pouco vou criando minha própria concepção de educação pré-escolar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABRAMOVAY, Miriam, KRAMER, Sônia. "O rei está nu": um debate sobre as funções da pré-escola. **Caderno CEDES-9-Educação Pré-Escolar: desafios e alternativas**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1987. P.27-38.
- BARBOSA, Maria Carmen S., Horn, Maria da Graça. Por uma pedagogia de projetos na escola infantil. **Pátio Revista Pedagógica**. Educação Infantil. Porto Alegre. Ano 2 N. 7. P. 28-31. Novembro 1998/Janeiro 1999.
- GARCIA, Regina Leite, PEREZ, Carmen Lúcia Vidal, SAMPAIO, Carmen Sanches, GOMES, Denise Barata, et. al. Revisitando a pré-escola. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 1997.
- GARDNER, Howard. A criança pré-escolar: Como pensa e como a escola pode ensiná-la. 1ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- KRAMER, Sônia. A Política do pré-escolar no Brasil. A arte do disfarce. 2ª edição. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- KRAMER, Sônia. Com a pré-escola nas mãos. Uma alternativa para a educação infantil. 9ª edição. São Paulo: Ática, 1995.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky, Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 2ª edição. São Paulo: Scipione, 1995.
- PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA VOL.1/ Fundação Roberto Marinho-Rio de Janeiro: FAE, 1991.
- REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL VOL.1/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF, 1998.

SEBER, Maria da Glória. Construção da inteligência pela criança. Atividades do período pré-operatório. 4ª edição. São Paulo: Scipione, 1995.

ANEXOS

Crianças de 01 à 01 ano e 6 meses

. Linguagem

- Sabe o próprio nome;
- Atende ao chamado do seu nome;
- Fala duas ou mais palavras, além de mamã e papá;
- Identifica os objetos pelo nome, apontando-os e pegando-os;
- Aponta com o dedo para expressar desejos;
- Atende ordens simples;
- Identifica pessoas ou animais vistos anteriormente, usando onomatopéia;
- Explora materiais plásticos (tinta, massa);

. Lógica-Matemática

- Apresenta atividade imitativa deliberada na exploração de objetos desconhecidos;
- Descobre novos meios de interagir com as novidades no processo de elaboração do objeto;
- Busca objetos ocultos atrás de um anteparo;

. Psicomotricidade

- Fica em pé sozinha;
- Anda com auxílio e/ou sozinha;
- Engatinha, alternando pés e mãos;
- Participa de atividades de andar;
- empurra e puxa brinquedos;
- Abaixa-se e levanta-se sozinha na cadeira;
- Sobe escada de pé, com ajuda;
- Coloca objetos dentro de um recipiente;
- Vira as páginas de um livro;
- Reconhece sua imagem no espelho;

. Sócio-Afetiva

- Brinca sozinho;
- Estabelece vínculos com os adultos;
- Reconhece as educadoras pelo nome;
- Afasta-se da mãe motivada pela curiosidade em relação às novidades da sala;
- Carrega objetos que lhe são familiares;
- Demonstra preferência por objetos e brinquedos;
- Manifesta afeto através de sorrisos, abraços e beijos;
- Balança a cabeça para indicar o " não";
- Compreende o gesto de limite do adulto;
- Atende ordens verbais simples acompanhadas de gestos;

. Sócio-Temporal

- Utiliza espaços grandes e sem obstáculos para movimentar-se com segurança;

Crianças de 01 ano e 6 meses à 02 anos

. Linguagem

- Começa formar a frases juntando duas palavras;
- Fala cinco palavras ou mais além de mamã e papá;
- Começa a expressar seus desejos, pedindo para comer e beber;
- Segue duas ou três ordens verbais não acompanhados por expressão facial ou gestos corporais;
- Nomeia pessoas de seu contexto;
- Participa das atividades que envolvam canto, acompanhando com movimentos corporais;
- Explora materiais plásticos (tinta, massa, argila, giz);

. Lógica-Matemática

- Procura até encontrar objetos escondidos sob diferentes anteparos.
- Inicia raciocínios simples buscando reproduzir causas a partir da observação de efeitos;

- Explora os materiais utilizando as diferentes percepções (cheira, aperta, prova, manipula);

. Psicomotricidade

- Desce sozinha de cadeira ou móvel baixo;
- Desce escada segura pela mão. Pode subir e descer sem ajuda;
- Participa de atividades que envolvam os comandos básicos (correr, pular, rolar, engatinhar);
- Usa brinquedos grandes e pequenos dando início à manipulação de movimentos finos que envolvam amassar, encaixar, rosquear;
- Começa a reconhecer as partes do corpo;

. Sócio-Afetiva

- Participa de brincadeiras paralelas;
- Demonstra interesse e iniciativa no manuseio de novos objetos;
- Estabelece vínculos fortes com os adultos que cuidam dela, requisitando com frequência sua atenção exclusiva;
- Apresenta maior facilidade em afastar-se da mãe;
- Balança a cabeça para indicar sim;
- Pega tudo, agarra tudo dizendo que é tudo seu;
- Atende ordens simples;

. Sócio-Temporal

- Identifica a rotina diária das atividades (lanche, saída);
- Reconhece e localiza os diferentes espaços da escola;

Crianças de 02 à 03 anos

. Linguagem

- Conversa utilizando frases curtas de duas ou três palavras;
- Conta suas experiências de forma simples;
- Obedece a instruções mais complexas;
- Compreende histórias contadas;
- Reconta histórias;
- Elabora histórias a partir de objetos, fantoches, bonecos;
- Participa de dramatizações e utilizar diferentes recursos de corpo;
- Participa de atividades que envolvam canto/dança;
- Explora materiais plásticos (tinta, argila, massa, cola, giz, lápis cera);
- Aparecem os movimentos circulares e até células em seus desenhos;
- Começa a nomear as formas que elabora em seus desenhos;

. Lógica-Matemática

- Conhece a função de alguns objetos e identifica figuras pelos nomes;
- Explora os materiais utilizando as diferentes percepções (cheira, aperta, prova, manipula)
- Participa das atividades que envolvem as percepções gustativa, olfativa, auditiva e visual;
- Identifica posições (atrás/na frente, em cima/embaixo, dentro/fora, perto/longe);

. Psicomotricidade

- Demonstra firmeza e equilíbrio nos movimentos (correr, pular, rolar, engatinhar);
- Realiza atividades que envolvem movimentos de coordenação motora fina tais como: rasgar, amassar, encaixar, rosquear, enfiar;
- Reconhece as diferentes partes do corpo e as representa;
- Nomeia as diferentes partes do corpo;
- Pula com os dois pés, saltando no mesmo lugar;
- Sobe escada alternando os pés;

. Sócio-Afetiva

- Escolhe o brinquedo com o qual quer brincar;
- Reproduz com os brinquedos atitudes do dia-a-dia;
- Brinca e concentra-se em atividades durante períodos longos;
- Evidencia maior independência em atividades gerais;
- Entende quando as pessoas estão bravas ou alegres;

- Obedece ordens;
- Compreende limites;
- Demonstra independência dos adultos mas é capaz de pedir ajuda quando necessário;
- Começa a ser capaz de esperar a sua vez nas atividades e brincadeiras;
- Estabelece fortes vínculos com os adultos;
- Começa a estabelecer vínculos entre os colegas;
- Reconhece as educadoras e os amigos pelo nome;
- Encontra diferentes formas de impor sua vontade;

. Sócio-Temporal

- Identifica a rotina diária das atividades (lanche, pátio, saída);
- Reconhece e localiza os diferentes espaços da escola;

Crianças de 03 à 04 anos

. Linguagem

- Conta, reconta, muda o final de uma história;
- Nomeia os personagens;
- Descreve características de personagens;
- Inventar histórias com uma seqüência lógica;

- Termina uma história começada;
- Organiza histórias a partir de figuras fora de ordem;
- Cria finais rimando com versos;
- Dramatiza várias situações;
- Escreve o nome sem o auxílio de ficha;
- Apresenta garatujas em suas representações de figuras humanas;
- Completa figuras e desenhos;
- Percebe a função da escrita em textos práticos (receitas, bilhetes para casa, convites, etc.);

. Lógica-Matemática

- Constrói os três tamanhos (grande, pequeno e médio);
- Ordena os números do > para o < e do < para o >;
- Nomeia as peças do bloco lógico;
- Nomeia e reconhece as formas geométricas;
- Conta contextualizando;
- Nega por interseção;
- Domina a tabela de dupla entrada;
- Relaciona quantidade ao número;
- Resolve problemas matemáticos tirando e juntando para encontrar soluções;

. Psicomotricidade

- Usa a tesoura para o corte de papel;

- Segura o lápis de forma "correta";
- Rasga, amassa e cola em superfícies menores;
- Usa o pincel fino;
- Pinta dentro dos limites;

. Sócio-Afetiva

- Reconhece seu grupo e identifica outros grupos da escola;
- Identifica os membros do grupo pelo nome;
- É capaz de partilhar objetos e brincadeiras com diferentes amigos;
- É capaz de esperar a vez e, ampliar o tempo de concentração nas atividades;
- Escolhe brincadeiras e convida os amigos para participar;
- Negocia regras para o bom funcionamento do grupo;
- Sugere atividades e participa com interesse;

. Sócio-Temporal

- Domina a rotina e percebe as mudanças necessárias, identificando as causas;
- Identifica a seqüência de atividades no dia a dia;
- Reconhece e domina os diferentes espaços da escola;